

PRODUÇÃO TEXTUAL

Há hoje, na ciência, uma discussão sobre o trabalho de tradução do corpo humano em arquivos de dados. Donna Haraway denomina essa dinâmica de “virada cibernética”. Essa virada coloca o futuro do homem como algo problemático e controverso. Laymert Garcia dos Santos, em sua obra **Politizar as novas tecnologias**, publicada em 2003, propõe quatro variações sobre o tema. Uma das variações foi formulada pelo *hacker* Bill Joy, sob o título “Why the future doesn’t need us” (Por que o futuro não necessita de nós), e tem como objetivo “explicar por que as mais poderosas tecnologias do século XXI ameaçam fazer dos homens uma espécie em extinção.” (SANTOS, 2003, p. 271). Você vai ler abaixo um fragmento do texto de Bill Joy:

Por que o futuro não necessita de nós

As nossas mais poderosas tecnologias do século 21 – robótica, engenharia genética e nanotecnologia – estão ameaçando a espécie humana de extinção.

Por Bill Joy

A partir do momento em que me envolvi na criação de novas tecnologias, suas dimensões éticas têm me preocupado, mas foi somente no outono de 1998 que fiquei ansiosamente ciente do quão grandes eram os perigos que nos aguardavam no século 21. Posso datar o aparecimento da minha inquietude no dia em que encontrei Ray Kurzweil [na George Gilder’s Telecosm conference], o merecidamente famoso inventor da primeira máquina de leitura para cegos e outras tantas coisas fantásticas. [...]

Tinha perdido a conferência de Ray e o painel subsequente em que estiveram Ray e John [Searle], e eles estavam agora colocando em dia o que tinha ficado para trás, com Ray dizendo que o ritmo de aperfeiçoamento da tecnologia iria se acelerar e que iríamos nos tornar robôs ou nos fundir com robôs ou qualquer coisa que o valha; John, por outro lado, contra-argumentou que não era possível isso acontecer, uma vez que os robôs não poderiam ser conscientes.

Quando ouvia esse discurso antes, sempre senti que robôs conscientes estavam no âmbito da ficção científica. Mas agora, de uma pessoa que respeitava, estava ouvindo um forte argumento de que eles eram uma possibilidade em curto prazo. Eu fiquei perplexo, especialmente dada a habilidade comprovada de Ray para imaginar e criar o futuro. Eu já sabia que as novas tecnologias, como a engenharia genética e a nanotecnologia, estavam nos dando o poder de refazer o mundo, mas um panorama realista e iminente de robôs inteligentes me surpreendeu. [...]

Creio não ser exagero afirmar que estamos no limiar do aperfeiçoamento maior do mal extremo, um mal cuja possibilidade se espalha bem além daquele que as armas de destruição em massa legaram aos estados-nações, ou de um surpreendente e terrível poder conferido a indivíduos extremados. Nada na forma como me envolvi com computadores me sugeriu que ia enfrentar questões dessa ordem.

[...] Por volta de 2030, seremos provavelmente capazes de construir máquinas, em quantidade, mil vezes mais poderosas que os computadores pessoais de hoje – suficientes para implementar os sonhos [de que os robôs sucederão o homem] de Kurzweil e Moravec.

[...] acima de tudo, é o poder de autorreplicação destrutiva na genética, na nanotecnologia e na robótica que deveria levar-nos a uma pausa. [...] Pela primeira vez na história do nosso planeta uma espécie tornou-se um perigo para ela mesma, bem como para um grande número de outras, por sua própria ação voluntária.

[...] A única alternativa realista que vejo é a renúncia: limitar o desenvolvimento das tecnologias que são perigosas demais, limitando nossa busca de determinados tipos de conhecimento. [...]

Minha esperança imediata é participar de uma discussão mais ampla das questões levantadas aqui, com pessoas de diferentes persuasões, em cenários não predispostos a favor ou contra a tecnologia para seu próprio benefício.

(JOY, Bill. Why the future doesn’t need us. **Wired Magazine**, abr. 2000. Disponível em: <http://www.wired.com/wired/archive/8.04/joy.html>. Acesso em: 02 dez. 2009. Traduzido e adaptado.)

Segundo Santos (2003), esse texto é considerado por muitos como apocalíptico. Você, como um(a) cidadão(ã) atento(a) e preocupado(a) com as questões tecnológicas, deve escrever um MANIFESTO ANTIAPOCALÍPTICO, entre 20 e 25 linhas, na seção reservada aos leitores de uma revista de divulgação científica, respeitada nacionalmente, em resposta aos argumentos levantados por Joy.

Lembramos que o **manifesto** é uma declaração pública e solene, na qual uma pessoa ou um grupo organizado de pessoas expõe um problema e sustenta uma posição, programa ou concepção sobre um determinado tema. O objetivo é persuadir o público em geral e convocá-lo para se juntar à causa.